

# Tempo, patrimônio e alimento: análise de alguns modelos culturais no Slow Food

## Time, heritage and food: some Slow Food cultural models' analysis

## Tiempo, patrimonio y alimentos: análisis de algunos modelos culturales en Slow Food

---

Henrique Budal Arins<sup>1</sup>  
Patrícia de Oliveira Areas<sup>2</sup>

---

Recebido em: 6/8/2020  
Aceito para publicação em: 11/9/2020

**Resumo:** Este artigo objetiva problematizar as utilizações de tempo no patrimônio e na alimentação por meio da análise de alguns modelos culturais em estudo de caso

---

<sup>1</sup> Doutorando em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville (Univille), com bolsa de pesquisa Capes, e mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do curso de Publicidade e Propaganda da Univille.

<sup>2</sup> Doutora em Direito pela UFSC. Professora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille.

do movimento Slow Food. Para tal, estruturaram-se suas partes conceituais antes da análise do estudo de caso. A primeira parte pretende discutir como a construção do tempo é utilizada para as definições de patrimônio e como impacta as relações identitárias, memoriais ou no apagamento do patrimônio alimentar. A segunda problematiza a caracterização de tempo na lógica de mercado em contraponto à lógica substantiva, contestando o mercado como centro das relações humanas, ao reprimir o valor cultural pelo valor monetário. A pesquisa utiliza como procedimento metodológico a análise bibliográfica, para construção das categorias de análise do estudo de caso, realizado por intermédio de pesquisa documental do objeto em estudo: o movimento Slow Food. A pesquisa percebe uma alteração nos modelos culturais mais substantivos nas ações do Slow Food.

**Palavras-chave:** tempo; patrimônio; alimento; modelos culturais.

**Abstract:** This article aims to problematize the time uses in heritage and food through the analysis of some cultural models in a Slow Food movement case study. To this, its conceptual parts were structured before the case study analysis. The first part intends to discuss how the construction of time is used for the definitions of heritage and how it impacts on identity and memorial relationships, as well as on food heritage deletion. The second part problematizes the characterization of time in the market logic in counterpoint to the substantive logic, contesting the market as the center of human relations when the cultural value is repressed by the monetary one. The investigation uses bibliographical analysis as methodological procedure to construct the analysis categories of the case study, through documentary research of the studied object, the Slow Food movement. The research sees a change in the more substantive cultural models in Slow Food's actions.

**Keywords:** time; heritage; food; cultural models.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo problematizar los usos del tiempo en el patrimonio y la alimentación por medio del análisis de algunos modelos culturales en un estudio de caso del movimiento Slow Food. Con ese fin, sus partes conceptuales se estructuraron antes del análisis del estudio de caso. La primera parte tiene la intención de discutir cómo se utiliza la construcción del tiempo para las definiciones de patrimonio y cómo ella impacta en las relaciones de identidad y de los monumentos conmemorativos y la eliminación del patrimonio alimentario. La segunda parte problematiza la caracterización del tiempo en la lógica del mercado en contrapunto a la lógica substantiva, impugnando el mercado como el centro de las relaciones humanas y reprimiendo el valor cultural al valor monetario. La investigación utiliza el análisis bibliográfico como procedimiento metodológico para construir las categorías de análisis del estudio de caso, por medio de la investigación documental del objeto de estudio, el movimiento Slow Food. La investigación observa un cambio en los modelos culturales más sustantivos en las acciones de Slow Food.

**Palabras clave:** tiempo; patrimonio; alimento; modelos culturales.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho não se predispõe a uma análise filosófica do conceito de tempo nem ao resgate dos pesquisadores que já se debruçaram sobre o tema. Ele utiliza o tempo como um conceito problematizador nas reflexões acerca do patrimônio e do alimento e, acima de tudo, no cruzamento de ambos os conceitos. Entende a alimentação numa estrutura social complexa que aglutina a produção, a biodiversidade, os saberes e fazeres sociais, os

hábitos alimentares, as receitas e as memórias dos indivíduos e do coletivo para os laços de identificação.

A problemática percebe o uso do tempo condicionado aos modelos culturais vigentes em um grupo histórico-social interdependente e que influencia na compreensão da vida social para a produção intelectual (MANNHEIM, 1986). Assim, o tempo é capturado como evidência dos modelos culturais, como vetor de valores e atividades. O conjunto de tempo dedicado às atividades humanas e sociais, conforme Sachs (1986b), demonstra valores estruturais implícitos a essas sociedades. O autor divide em quatro categorias o uso do tempo: tempo das atividades profissionais remuneradas; tempo das atividades econômicas fora do mercado de trabalho; tempo de outras atividades lúdicas, educacionais, culturais ou relacionais; e tempo de repouso.

A distribuição do tempo nas categorias expõe a liberdade cultural do indivíduo, pois é atrelada ao valor percebido nas atividades executadas, como processo emancipado (ou não). Revela a força do mercado sobre os modelos culturais, potencializando a percepção de valor nas demandas produtivas e que geram riqueza de capital. Assim, o uso do tempo é intimamente ligado ao espaço, pois é ele que condiciona o olhar do valor histórico e patrimonial, estruturando os vínculos ao lugar, porque é nele que estão as casas, os locais de trabalho, de lazer e as ferramentas para a ação humana.

O uso do espaço também é condicionado à lógica social vigente, com prioridade daquilo que tem valor de mercado. Essa relação de tempo-espaço suporta os atributos de decisão sobre o ato de patrimonializar em sua interpretação do tempo, que o dilata, evidenciando os argumentos ligados ao mercado, ou o contrai, para apagamento do que não tem valor de capital, com base nos modelos culturais.

Uma percepção crítica permite o uso variado, mutante e harmonioso do tempo, implicando melhor qualidade de vida e maior controle do indivíduo sobre o seu tempo, e abre possibilidades de relações simbólicas para o discurso patrimonial. A aplicação dessa lógica abre possibilidades e libertação das amarras de mercado, sem condutas que priorizem o turismo em vez do valor identitário local ou a produção escalar dos alimentos em detrimento da biodiversidade ou das tradições locais, por exemplo.

Dessa forma, o presente artigo visa analisar, por meio do caso do movimento Slow Food, como o tempo passa a ser um elemento crucial para o respeito ao valor identitário, ainda que com usos e atividades mercadológicas baseadas no patrimônio. Destaca, então, como o exercício de priorização de valores pode ser uma ferramenta de usos éticos e sustentáveis do patrimônio, em suas diversas dimensões.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para analisar a percepção de tempo nos modelos culturais que sustentam os entendimentos sociais de patrimônio e alimentação, a pesquisa, de abordagem qualitativa, empregou o levantamento bibliográfico para estruturar as categorias de análise do estudo de caso. Este, por sua vez, utilizou o procedimento de coleta documental em publicações, guias, manifestos, compêndios, almanaques e relatórios anuais disponíveis no *website* principal do movimento ([slowfood.com](http://slowfood.com)) e no *website* brasileiro do movimento ([slowfoodbrasil.com](http://slowfoodbrasil.com)). O procedimento de análise material ocorreu por enunciação categorial de conteúdo, que compreende os documentos enquanto um processo de comunicação e não simplesmente como um dado (BARDIN, 2004).

O objeto de estudo é o movimento Slow Food, uma organização global fundada em 1986 para impedir o desaparecimento de culturas e tradições alimentares locais, neutralizar o crescimento do estilo *fast-food* de alimentação, aumentar o envolvimento das pessoas com os alimentos que ingerem e disseminar a ideia de que as escolhas alimentares afetam o ambiente e as pessoas.

## PATRIMÔNIO COMO METÁFORA DO TEMPO

Este item do artigo almeja discutir como a construção do tempo é utilizada para as definições de patrimônio e como impacta sobre as relações identitárias e memoriais ou atua para apagamento do patrimônio alimentar. Essa dicotomia encontra um argumento forte em Mbembe (2018), quando discute as relações de poder sobre o corpo humano e afirma que a potência surge do jogo duplo, daquilo que ao mesmo tempo aprisiona e causa a liberdade. O patrimônio, ao mesmo tempo em que encerra a continuidade histórica por limitar o significado do objeto, gera a perenidade, a longevidade do objeto e outras possibilidades de interpretação. O tempo é uma escolha de poder sobre o que se imprensos nos modelos vigentes e na construção da história a se contar. Um farelo do passado pode ser varrido ou valorizado.

Na ativação patrimonial, conforme Zanirato (2018), para haver uma negociação é necessário o reconhecimento de que diferenças de valores existem entre os especialistas e a sociedade, que percebem o tempo social e o tempo monumental de formas próprias. Trata-se de uma visão distinta sobre o passado e o presente que impacta em memórias, histórias de vida e afetos sobre os objetos, que no caso desta pesquisa são os alimentos e os rituais baseados neles.

As definições das perspectivas de tempo são indispensáveis para pensar o patrimônio. Ele pode ser visto como agente de mudança política, econômica e social para um desenvolvimento culturalmente sustentável e para a conservação dos vestígios do passado pela avaliação do conhecimento presente e importante para o futuro (TAYLOR, 2008). Constitui o caminho de uma lógica substantiva ao patrimônio, constituindo modelos culturais que negam o mercado como centro de todas as relações.

A racionalização sobre o tempo e sua aceleração é advinda principalmente da revolução industrial (KOSELECK, 2014; RAMOS, 1989; POLANYI, 1980), que organizou os fazeres sociais e culturais de acordo com os moldes instrumentais de produção. A busca pela eficiência transborda os modelos constituintes de sociedade e normaliza, como exemplo, o tempo de alimentação, cronometrado e pontual, na rotina das famílias como é regimentado na fábrica. Conforme Koseleck (2014, p. 151), “a aceleração distingue a experiência da época em relação a todas as anteriores. Mas ainda não aparece a metáfora que fala de um sistema de autoindução que assim se acelera”. A necessidade da aceleração é primordial para a força de trabalho, porém envolve a percepção do tempo e o juízo sobre o patrimonializar, pois o relógio é disciplinador na racionalização do mundo.

Se o tempo é uma máxima geral sobre a experiência humana (KOSELECK, 2014), interfere também na configuração e leitura sobre os espaços. Para o alimento, a paisagem configura a origem, a produção. As escolhas sobre o que se produz são organizadas pelo que se consome, que tem influência simbólica nos modelos construídos pelo poder hegemônico de mercado, aquele mesmo que o produz. Assim, a paisagem é fruto do agenciamento do homem sobre o seu espaço (RIBEIRO, 2007).

Conforme Ribeiro (2007), há várias percepções sobre a paisagem. Pode ser entendida como um documento que traduz a relação do homem com o meio natural, revelando as transformações realizadas ao longo do tempo. Pode ser lida como um testemunho da história dos grupos humanos que ocuparam determinados espaços. Pode ser compreendida, também, como um produto da sociedade ou ainda como a base material para a produção de diferentes simbologias, campo de interação entre a materialidade e as representações simbólicas.

As leituras sobre a paisagem e sobre o lugar têm influência do tempo, que cria diferentes sentidos para suas representações culturais. Essas leituras dizem respeito muito mais ao presente e ao futuro do que ao passado que elas retratam. O alimento, em seu lugar de produção, reflete os hábitos presentes, muito mais que os saberes historicamente

construídos, que podem sofrer apagamento. A paisagem mostra a relação do homem com o meio, a construção de memórias e os modelos culturais da sociedade no espaço-tempo.

## TEMPO COMO INDÍCIO DOS MODELOS CULTURAIS

Este item do artigo pretende problematizar a caracterização de tempo na lógica de mercado em contraponto à lógica substantiva (GUATTARI, 1993; SACHS, 1986a; RAMOS, 1989; POLANYI, 1980), principalmente contestando o mercado como centro das relações humanas quando reprime o valor cultural em favor do valor monetário.

Essa relação em Guattari (1993) explicita um drama da modernidade como desequilíbrio das três ecologias – ecológica, social e subjetiva –, tendo nesta última os apontamentos necessários para estruturar as análises dos modelos culturais na sociedade. Para Guattari (1993), a lógica substantiva implica alteração de valores sociais, suportados pela subjetividade, e conduz a lutas sociais. Em última instância, a alteração da lógica que impera nos modelos culturais permite outros fazeres e outras percepções de tempo, potencializando a ação humana emancipatória.

A construção histórica apoia-se sobre os modelos culturais da sociedade na utilização e percepção do tempo. A ordem institucional, com os mecanismos de maximização do mercado, infere no papel das atividades mercantis e não mercantis por meio do poder vigente, com domínio sobre as práticas humanas, sobre as percepções de tempo, de espaço, de patrimônio e na produção de signos, permitindo sua continuidade no poder. Contudo a sociedade civil pode reverter o cenário ao tomar consciência de seu poder.

A emancipação é fruto da mobilização e da imaginação social, diretamente relacionada aos modelos culturais (SACHS, 1986b). Conduz práticas num conjunto de componentes ecosófico (GUATTARI, 1993) em novos sistemas de valorização da sociedade, não subordinado ao mercado e aberto a outras formas de argumentação e estruturação de modelos mais libertários, com ganhos coletivos. Altera a subjetividade que sustenta a natureza de satisfação humana além do material, modificando a ordem que coloca o ter antes do ser.

O diagnóstico dos modelos culturais é imperativo para o entendimento do uso do tempo e suas implicações sobre hábitos alimentares, estruturas de produção do alimento e patrimonialização com base na identidade, nas memórias coletivas e no resguardo dos saberes locais. Essa transição é paulatina, considerando que há forças que se beneficiam da lógica mercantil vigente. Tais forças constituem um sistema de produção-consumo que aliena o indivíduo, o afasta da produção para criar o sentimento de plenitude por intermédio do consumo material. A padronização produtiva exclui o indivíduo da cadeia do alimento e anula as possibilidades culturais, principalmente as locais, sobre os tipos de alimento, os variados saberes culinários e a promoção de fontes alternativas de consumo.

A indústria alimentícia, enquanto representante das forças vigentes de mercado, gera uma falsa percepção de variedade de ofertas e a constante disponibilidade de novidades, que formam o conformismo. O indivíduo não consegue usufruir de todas as possibilidades, e, assim, o sistema que se apresenta é suficiente em si mesmo. Mas a superabundância de opções gera comportamentos conformistas e limitadores, em que o consumo é suficiente para a plenitude humana e a matéria supre até mesmo as necessidades não materiais.

Ao considerar as opções alimentares da indústria, pela lógica de mercado, o indivíduo coloca em apagamento cultural as tradições alimentares, as receitas e a variedade de ingredientes. Há um encurtamento do tempo histórico para a dilatação do tempo produtivo nos modelos culturais.

Mediante tal problemática, recorre-se a Sachs (1986a) para estruturar as categorias utilizadas para a análise material do estudo de caso, considerando a caracterização de modelos culturais sobre a lógica de mercado e sobre a lógica substantiva, conforme explicitado no quadro 1, a seguir.

**Quadro 1** – Categorias de análise – modelos culturais

<b>Tempo com valor de mercado</b>	<b>Tempo com valor substantivo</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tempo aprisionante;</li> <li>- Autoafirmativo e racional;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Linear;</li> <li>- Reducionista;</li> </ul> </li> <li>- Degradante e sem limites;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Alienador;</li> <li>- Egoísta;</li> </ul> </li> <li>- Consumo material supre necessidades humanas não materiais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Tempo libertário;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Intuitivo;</li> <li>- Não linear;</li> <li>- Holístico;</li> <li>- Conservador;</li> <li>- Emancipador;</li> <li>- Cooperativo;</li> </ul> </li> <li>- Distinção de necessidades humanas materiais e não materiais.</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Sachs (1986a)

Assim, a revisão teórica caminhou para cruzar as discussões sobre tempo em patrimônio e nos modelos culturais, para culminar no ponto de articulação das análises do objeto de estudo: o movimento Slow Food.

## ALGUNS MODELOS CULTURAIS NO MOVIMENTO SLOW FOOD

As manifestações do uso de tempo são refletidas na otimização produtiva, legitimando a premissa de que tempo é dinheiro, uma profunda tradução do mercado centro das relações humanas e sociais. Essa manifestação enraíza-se em diversas esferas que não a do mercado (ARINS, 2009).

Historicamente, a Itália revela a importância que sua sociedade identifica na cozinha e no ato alimentar, evidenciando o *mangiare bene* nos modelos culturais dos italianos. Contudo, em 1986, a tradicional rede mundial de franquias de *fast-food* McDonald's inaugurou sua primeira unidade em Roma (HONORÉ, 2006). Como manifestação contrária à mercantilização da alimentação e do paladar, Carlo Petrini, escritor especializado em culinária, encabeçou um grupo de 62 pessoas que criou o Slow Food. Assim, o movimento surgiu com o propósito de disseminar um estilo de vida mais equilibrado e qualitativo (HONORÉ, 2006).

Estruturou-se uma resistência à lógica produtiva aplicada à alimentação, com a defesa de produtos frescos e sazonais do local, receitas culturais de gerações, agricultura sustentável, produção orgânica e artesanal, refeições tranquilas com convívio social, sem a determinação temporal (HONORÉ, 2006). A proposta do movimento é a consciência no uso do tempo, valorizando as atividades humanas pelo equilíbrio. Conforme o fundador do movimento, Carlo Petrini (*apud* HONORÉ, 2006, p. 28), “ser devagar é controlar os ritmos da nossa vida [...]. Estamos lutando pelo direito de determinar nosso próprio andamento”.

Trata-se da percepção de tempo como maneira de ser, de se constituir como ser humano e como sociedade. A mudança dá-se para o predomínio da racionalidade social substantiva, em que a lógica da eficiência, da instrumentalidade se recolha somente às esferas que são necessárias, como tecnologias e produções limpas, mas afastando-se cada vez mais como juíza do comportamento humano e não caracterizando a lógica dos nossos modelos culturais.

O Slow Food, em sua filosofia, propõe uma maior interação do homem com seu grupo social, com seu meio, com o resgate cultural não massificado e com os processos produtivos equilibrados. Tem como conduta a ecogastronomia, na qual a boa alimentação é intrínseca à proteção ambiental.

O movimento aglutina mais de 100 mil membros<sup>3</sup> nas suas 11 unidades (Itália, França, Alemanha, Inglaterra, Suíça, Japão, Estados Unidos, Holanda, Brasil, Quênia e Coreia do Sul) e em mais de 160 países. Conta, também, com mais de 1.600 Comunidades Slow Food em 77 países. A comunidade é a expressão local da filosofia *slow food* que aglutina os membros da mesma região. É a junção de outras duas estruturas anteriores: os Convívios e as Comunidades do Alimento. É formada por instituições, restaurantes e produtores que promovem encontros para a proteção dos alimentos tradicionais, degustações e organização de seminários em regiões que não têm as unidades do movimento. O movimento também incentiva *chefs* na busca e utilização de ingredientes e pratos locais, nomeia produtores para a participação em eventos internacionais e executa projetos de educação em escolas, sempre disseminando a apreciação do prazer e da qualidade de vida cotidiana (SLOW FOOD, 2020b).

O movimento afirma (SLOW FOOD, 2020d) que todos têm o direito fundamental ao prazer e, conseqüentemente, a responsabilidade de proteger o patrimônio dos alimentos, a tradição e a cultura, que tornam possível esse prazer. Suas proposições superam a relação com o gosto do alimento: defendem o cuidado com a produção no que se refere a danos ambientais e ao desenvolvimento das comunidades locais.

Propõe uma cadeia interligada de pessoas com um processo de aprendizado coletivo voltado ao território, com o respeito à biodiversidade, à cultura e à autonomia produtiva. Sua missão descreve:

Slow Food trabalha para defender a biodiversidade na oferta de alimentos, a educação e a difusão do sabor com a ligação dos produtores e dos coprodutores (consumidor), através de eventos e iniciativas (SLOW FOOD, 2020a, p. 8).

O Slow Food estrutura-se como uma luta contra a mercantilização dos alimentos e da comida como um objeto de consumo acumulativo que transforma em doentes várias populações do planeta. Respeita a biodiversidade em detrimento da linha de produção que não respeita sazonalidades, zonas geográficas e tempos de criação de animais. É papel do coprodutor combinar esforços para salvar inúmeros tipos de grãos, legumes, frutas, raças de animais e produtos alimentares que estão quase extintos pela conveniência alimentar e de agronegócio. Por intermédio da Ark of Taste, do Projeto Presidia (apoiados pela Fundação Slow Food para a Biodiversidade) e do Projeto Terra Madre, o movimento visa proteger o inestimável patrimônio alimentar (SLOW FOOD, 2020b).

O movimento convenceu o governo italiano a colocar a disciplina Estudos Alimentares nos currículos escolares. Também auxiliou o governo alemão a lançar o programa Educação do Paladar. Economicamente ajuda a colocar no mercado elementos artesanais que estão em vias de extinção (HONORÉ, 2006). Promove encontros de pequenos produtores, que de modo associativo conseguem mais força para distribuir seus produtos. Fomenta, também, a degustação de pequenas produções com *chefs*, lojas e *gourmets* de todo o mundo. Na Itália o movimento salvou centenas de espécies de plantas que estavam quase extintas, como fez com plantas e animais em diversas partes do mundo (HONORÉ, 2006).

O Slow Food Internacional coordena e promove o desenvolvimento do movimento mundial e as atividades dos vários organismos nacionais. Ele é gerido por um conselho de administração internacional, eleito a cada quatro anos no Congresso Internacional Slow Food. O conselho de administração é composto por Carlo Petrini, presidente internacional, por três vice-presidentes, um secretário, bem como pelos presidentes das associações nacionais (SLOW FOOD, 2020b).

---

<sup>3</sup> A pessoa torna-se membro após filiação com pagamento de uma taxa para recebimento do cartão, dos guias de restaurantes adeptos à filosofia, do manifesto e dos jornais trimestrais.

Uma das frentes do movimento é a Fundação Slow Food para a Biodiversidade, criada em 2003. Ela executa projetos em defesa da biodiversidade agrícola e das tradições gastronômicas, especialmente nos países em desenvolvimento, nos quais a questão prioritária não é a melhoria da qualidade de vida, mas a própria sobrevivência dos produtores, das comunidades e das culturas. Mais especificamente, ela promove um modelo sustentável de agricultura, respeitando o ambiente, a identidade cultural e o bem-estar dos animais, além de apoiar qualquer comunidade local, o direito de decidir o que produzir e o que consumir.

São inúmeras as ações em prol da biodiversidade e de proteção ao meio ambiente que o movimento realizou. A conduta local e sem pressa não é antônima da globalização. A expressão globalização virtuosa é utilizada por Petrini (*apud* HONORÉ, 2006) ao referir a necessidade de intercâmbio de produtos pelo mundo, mas respeitando os tempos de produção, os climas, as sazonalidades e a diversidade das espécies. Para isso a fundação realiza o Salone Del Gusto, uma feira bienal que acontece desde 1996, como resposta à padronização de alimentos criados pelas grandes corporações, originando a baixa qualidade dos produtos. Sua intenção é preservar a gastronomia (cultural e ambiental), revitalizando microeconomias e pequenas propriedades produtivas (SLOW FOOD, 2020b).

A fundação também instituiu o Slow Food Ward em 2000 para identificar e desenvolver a investigação, a produção, a divulgação e a documentação que beneficiam a biodiversidade da agroindústria. Seu público é composto por pesquisadores, agricultores, distribuidores, professores, associações de profissionais e empregadores, como também todos aqueles que contribuem para cessar a destruição de plantas e animais que constituem o patrimônio da cultura alimentar de uma nação e manter um equilíbrio ecológico mundial.

Outra estrutura do Slow Food é o Terra Madre, um projeto para construir uma rede internacional de produtores de alimentos frescos e de representantes das Comunidades Slow Food, para criar um sistema “bom, limpo e justo” (SLOW FOOD, 2020a) na produção alimentar, respeitadora do planeta Terra, das pessoas que nele vivem e com a diversidade dos seus gostos, de seus patrimônios, apoiando um modelo de produção pequeno, sustentável e local.

Como valor do Terra Madre, Ceriani (2015) afirma que o prazer não pode ser separado da responsabilidade com os produtores, sem os quais nenhum dos seus trabalhos aconteceria. Ao colaborar com os produtores, o projeto preserva a tradição cultural e combate a padronização dos produtos alimentares, comunicando a sua filosofia para os consumidores por intermédio dos seus restaurantes.

Outro projeto do Slow Food é a Arca do Gosto, que objetiva catalogar, descrever e chamar a atenção pública para produtos alimentares provenientes de todo o mundo (carne e peixe, frutas e legumes, carnes curadas, queijos, cereais, massas, bolos e doces) que têm produção real, potencial comercial e estão intimamente ligados a comunidades e culturas específicas, mas têm risco de extinção (MONCHIERO *et al.*, 2008). Em 1997 a comissão científica da Ark of Taste reuniu-se na Itália e elaborou os seguintes critérios para a seleção de produtos: terem excelente qualidade em termos de sabor; serem associados a uma área geográfica específica; serem produzidos por pequenos produtores artesanais; serem produzidos por métodos de agricultura sustentável; e estarem em perigo de extinção (SLOW FOOD, 2020b).

Esse organismo acompanha o processo de seleção ao redor do mundo, também selecionando produtos em países nos quais não existe uma comissão. Registraram-se mais de mil espécies em dezenas de países, como o bovino Maastricht da Holanda; o babaçu e outros frutos do Brasil; ostras da Baía de Delaware dos EUA; e o pão Kalakukko da Finlândia. Por meio da sua meticulosa documentação, a Ark serve como um recurso para todos aqueles interessados em descobrir e reviver a riqueza dos alimentos que o mundo tem a oferecer (MONCHIERO *et al.*, 2008).



Em 2000, concebeu-se o Presidia, oriundo como braço operacional da Ark of Taste. Mantém projetos de pequena escala para ajudar a cozinha artesanal e preservar os métodos tradicionais dos produtores e sua produção. Os projetos funcionam em determinadas regiões geográficas do planeta, de pequenos agricultores a comunidades, e visam: promover os produtos artesanais; promover técnicas para estabilizar a produção; estabelecer rigorosas normas de produção; e garantir um futuro viável para os alimentos em questão (SLOW FOOD, 2020b).

## ANÁLISE MATERIAL

Após a exposição dos dados sobre o movimento Slow Food, organizam-se as informações para diagnóstico dos modelos culturais presentes por meio das categorias de análise expostas anteriormente.

Os modelos culturais são estruturas cognitivas e esquematizações coletivas, expressão de sua identidade cultural e social, um conhecimento compartilhado e realizado pelo social. Formam um conjunto de valores e direitos que normatizam o comportamento social e as relações subjetivas na estruturação da vida social (LEFF, 2001, p. 123).

A subjetividade é trama que desencadeia a natureza da satisfação humana, de como o homem percebe o mundo e se relaciona com ele, projetando seus anseios e articulando suas ações. Pelas análises das manifestações do movimento, percebem-se características ligadas a modelos culturais substantivos, classificados em:

- Tempo libertário: é contrário à escravização com que a síndrome da rapidez (mercado) orienta os indivíduos, deduzindo que uma sociedade mais lenta é próspera para criar um futuro sustentável;

- Intuitivo: potencializa o sentido de comunidade local com preservação da tradição cultural, sem padronização, vivendo de maneira agradável com responsabilidade individual no consumo, orientado à biodiversidade;

- Não linear: está intimamente ligado a comunidades e culturas específicas, alterando para uma perspectiva global equilibrada e com métodos de vida sustentáveis no cotidiano;

- Holístico: prevê o debate e o resgate cultural por meio da salvaguarda das tradições locais, sem a sua supressão pela lógica cultural dominante do mercado, caracterizando uma sustentabilidade cultural;

- Conservador: é focado no local e na pequena produção de alimentos nas comunidades, com o resguardo dos métodos tradicionais, a proteção da biodiversidade e o uso compatível dos recursos para a diversidade cultural e biológica;

- Emancipador: há equilíbrio da vida entre a satisfação material com os prazeres da vida, concebida em uma cadeia interligada de pessoas (pequenos agricultores e comunidades) para o aprendizado coletivo;

- Cooperativo: há potencialização das microeconomias e das pequenas propriedades produtivas, mutuamente dependentes para o desenvolvimento das comunidades locais. Modelo sustentável da agricultura autossuficiente, respeita o ambiente, a identidade cultural e o bem-estar dos animais, apoiando qualquer comunidade local, o direito de decidir o que produzir e o que consumir;

- Necessidades não materiais: promovem-se produtos bons, limpos e justos contra a lógica de mercantilização dos alimentos e contra a velocidade, buscando um resultado positivo para toda a vida no planeta. Caracteriza-se por proteção das receitas de gerações, agricultura sustentável, produção orgânica e artesanal, refeições tranquilas com convívio social, sem a determinação temporal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo, como ponto de análise dos modelos culturais vigentes, pode identificar o predomínio da racionalidade produtiva, que coloca o mercado como o centro de todas as articulações sociais e culturais existentes, expandindo-se do âmbito econômico. Tudo, incluindo o tempo, tem percepção de valor monetário e produtivo.

Essa dinâmica, quando percebida sob a perspectiva da cadeia dos alimentos, interfere na decisão daquilo que merece uma extensão no tempo, que pode ser guardado nas memórias e promover o resguardo dos saberes e das tradições. Isso impacta na biodiversidade das plantas e dos animais, na cultura local e no apagamento daquilo que não está de acordo com a lógica produtiva, pois o indivíduo foi alienado do processo.

Como resistência, o movimento Slow Food executa, há quase 35 anos, ações de alteração do modelo de tempo, para olhar a produção e o consumo de alimentos de forma mais holística e perceber como esse sistema impacta na vida do planeta.

O Slow Food estimula a participação cooperativa dos indivíduos, tanto que nomeia os consumidores como coprodutores, pois têm responsabilidade nas consequências da escolha do alimento e da dieta diária. Gera outros valores sociais, mais participativos, pois considera a interdependência de todos os indivíduos.

É orientado ao local, que decide sobre a alimentação, determinando o que merece ser salvaguardado e não engolido pela indústria globalizante, a qual maximiza o ganho com a escala de produção do alimento. Há evidente luta contra a padronização e a mercantilização do alimento, em todas as suas etapas, desde a produção até o consumo.

O movimento busca a discussão conjunta, a troca de experiências e o aprendizado coletivo para o desenvolvimento das localidades. Tem como prática o devagar como principal oponente da lógica produtiva, caracterizando um modelo cultural mais substantivo.

Enfim, com base no objetivo proposto, a análise das manifestações do movimento Slow Food permite inferir que a percepção de tempo altera a construção de modelos culturais mais substantivos, ocasionando um processo de salvaguarda do alimento, em todas as suas esperas, mais orientado ao local e sem a preponderância do valor de mercado como o principal regulador.

Ademais, mediante o respeito às características coletivas e comunitárias do território com base no fator tempo, propicia-se uma participação mais efetiva da comunidade no processo decisório do que será preservado e do que será apagado, características essenciais ao patrimônio cultural.

## REFERÊNCIAS

ARINS, Henrique Budal. **Movimento Slow**: uma análise sob a ótica dos enclaves do ecodesenvolvimento. 2009. 99 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

CERIANI, Silvia. **Almanac of the International Slow Food Movement and the Terra Madre Network**. Bra: Stampatello, 2015.

GUATTARI, Félix. **As 3 ecologias**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1993.

HONORÉ, Carl. **Devagar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

- KOSELECK, Reinhardt. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- MBEMBE, Achille. Réquiem para o escravo. In: MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Paris: La Découverte, 2018.
- MONCHIERO, Alessandro *et al.* **Compêndio Slow Food**. Torino: Stargrafica, 2008.
- POLANYI, Karl. **A grande transformação**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- RAMOS, Alberto G. **A nova ciência das organizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1989.
- RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/Codedoc, 2007.
- SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento**: crescer sem destruir. São Paulo: Vértice, 1986a.
- SACHS, Ignacy. **Espaços, tempos e estratégias do desenvolvimento**. São Paulo: Vértice, 1986b.
- SLOW FOOD. Disponível em: <http://www.slowfood.com>. Acesso em: 20 jul. 2020a.
- SLOW FOOD. **Slow Food Companion**. Disponível em: <https://www.slowfood.com/about-us/key-documents/slow-food-companion/>. Acesso em: 20 jul. 2020b.
- SLOW FOOD. **Slow Food Key Documents**. Disponível em: <https://www.slowfood.com/about-us/key-documents>. Acesso em: 20 jul. 2020c.
- SLOW FOOD. **Slow Food Manifesto**. Disponível em: <https://www.slowfood.com/about-us/our-philosophy>. Acesso em: 20 jul. 2020d.
- SLOW FOOD BRASIL. Disponível em: <http://slowfoodbrasil.com>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- TAYLOR, Diane. Performance e patrimônio cultural intangível. **Revista Pós**, Belo Horizonte, v. 1, p. 91-103, maio 2008.
- ZANIRATO, Sílvia. Patrimônio e identidade: retóricas e desafios nos processos de ativação patrimonial. **Revista CPC**, v. 13, n. 25, p. 7-33, jan.-set. 2018.